

# FILOSOFIA, SAUDADE E MÚSICA

ENTREVISTA COM AYRTON PESSOA  
Por Marília Bezerra

Em entrevista concedida ao Apoena, o músico, compositor e filósofo Ayrton Pessoa fala sobre o lançamento de seu mais recente álbum: *Manual Prático da Saudade* (2012), e de modo geral, sobre suas incursões na filosofia e artes plásticas. O Manual foi lançado durante o último mês de março, com quatro apresentações no foyer do Teatro José de Alencar, em Fortaleza.

**APOENA - Ayrton, de que maneira você concilia música e filosofia? Que tipo de relação você enxerga entre ambas: “simbiose”, “comensalismo”, “parasitismo”...? E de um modo mais particular, de que maneira (se é que) essa relação contribuiu para a realização desse seu novo trabalho?**

AYRTON - Acho que ambas têm muita coisa a ver, mas não diretamente. Teve, claro, a aproximação com a filosofia de Schopenhauer, particularmente na relação entre música e vontade, tema da minha monografia (“Silêncio e música: uma audição schopenhaueriana”, 2007). Mas, não foi só aquilo, foi o tempo todo que eu passei na faculdade, em que acabei me distanciando um pouco da música. E aí, não sei, acho que foi uma coisa de que eu precisava para dar um tempo na minha vida, voltar a respirar aquilo melhor... O tempo em que eu estudei filosofia, creio, serviu pra ter vontade de fazer música de novo. Essa é a relação mais forte que vejo atualmente, mas não saberia dizer precisamente de que maneira isso se deu. A música talvez fale por si.

**Seu novo álbum mostra uma forte aproximação com o choro, o que nos remeteria, ainda que possa haver discordância, à saudade. Mas até que ponto o *Manual Prático da Saudade* é prático? Como pensá-lo “praticável”, não apenas para músicos? Ou de modo mais objetivo: como conceber um álbum de canções na forma de um “manual prático”?**

No início ele tinha apenas o nome de “manual da saudade”, e incluir esse “prático” foi uma brincadeira, porque o nome “manual prático” não é muito comum. Foi Érica Zoe, responsável pelas ilustrações do encarte, que sugeriu e eu aceitei. Mas ele é “manual” por pelo menos dois motivos: primeiro, pelo sentido da prática instrumental, e aí é o visual mesmo, são as partituras que disponibilizei no encarte. Achei que valia porque possibilita ao músico abrir o encarte e lê-las, ou seja, aquilo é um livro que dá as diretrizes para o instrumentista tocar, então é um “manual” como qualquer livro de partituras que dá orientações práticas de como uma composição deve ser in-

terpretada. Mas ele é “manual” em outro sentido também: para o ouvinte, que não precisa saber ler partituras. E aí eu brinco, dizendo que pretendo que as músicas sejam manuais de sentimentos também, de modo que o ouvinte veja formar-se, através do som, a caminhada do sentimento. Então, também nesse sentido é um manual. Agora vou explicar o porquê da “saudade”: na verdade o nome traduzido seria “manual prático do choro”, e a saudade entra aí quase que como um sinônimo de “choro”, mas ao choro enquanto estilo musical. De modo que a “saudade” não tem aqui um sentido estrito, ligado à tristeza ou melancolia. É algo enraizado culturalmente, e pode muitas vezes manifestar-se de forma alegre...

**Você acha difícil a associação da saudade ao choro por parte do público? É até natural que o choro remeta à “saudade”, mas não o contrário. Se fosse “manual prático do choro” talvez pudesse remeter à saudade, mas da saudade ao choro o caminho parece ser mais difícil...**

Eu pensei algumas vezes em dar uma esclarecida essa ideia no texto, mas preferi mesmo deixar essa ligação aberta, a critério do espectador...

**Então o *Manual Prático da Saudade* tem uma proposta fundamentalmente estética? Não precisa haver necessariamente uma correspondência, uma via de mão dupla entre a “saudade” e o “choro”?**

O álbum, sobretudo, é uma obra de apreciação para qualquer pessoa. A partitura é, enquanto objeto de uso, dirigida aos músicos. Mas eu as pensei também como objeto de contemplação estética, porque elas ficariam “bonitinhas” ali ao lado das ilustrações feitas por Érica Zoe. Nesse ponto eu pensei também plasticamente. Ainda sobre a questão da saudade, foi lendo um texto do Henrique Cazes, num livro intitulado *Choro: do quintal ao municipal*, que eu reforcei algo que eu já tinha sentido e pensado. Segundo ele, em todos os lugares que foram colônias de Portugal, onde inclusive a instrumentação é mui-

to parecida com a nossa, as músicas têm uma sonoridade muito melancólica, saudosa enfim. Com isso eu me dei conta: “poxa, o choro surge com a importação desses elementos”. À medida que se iam importando tais sonoridades, ia-se tocando de forma diferente, e tal forma diferente de tocar é justamente essa forma sentimental demais, lânguida demais...

**A ideia de saudade geralmente propõe certa unidade no sentimento. Geralmente nós temos sentimentos confusos que, talvez por isso, fazem com que muitas línguas não tenham uma palavra correspondente para saudade. Então, a saudade aparece como uma espécie de unificação de sentimentos que são muitas vezes confusos e conflitantes. Quem tem saudade de algo, por exemplo, pode ter uma relação de amor e ódio com esse algo, de perda ou vontade de retornar. Então, você acha que o *Manual Prático da Saudade* expressa também uma unidade de sentimentos conflitantes em torno da saudade? E se há essa unidade, seria absurdo dizer que é uma unidade de estilo, formal, intencional, expressa na proximidade de estrutura entre as músicas que o compõem?**

Não, não seria. A unidade formal, estilística, entre as músicas está no fato de elas conterem elementos do choro, mas não de forma ortodoxa, clássica. Há também elementos de outros tipos de músicas que não são exatamente choro. Elas não são chorinhos propriamente ditos, não fazem parte do gênero conhecido pela maioria das pessoas, de modo que talvez não sejam de fácil identificação pelo ouvinte. Eu procurei valer-me daquilo que estava presente na gênese do choro, que é justamente a *forma* de tocar a melodia melancólica, chorosa, que a gente acabou por definir como choro, assim.

**A melodia “chorosa”, nesse sentido, é o que daria unidade ao *Manual*?**

Sim. Inclusive, dos solistas que convidei para participar do álbum e das apresentações,

alguns são músicos de choro e outros não. Por exemplo, quando eu fui procurar um pianista, escolhi um que tivesse formação clássica. Eu, que não sou músico de choro, toquei acordeão... Mas naquelas músicas em que eu queria uma marca maior do estilo, convidei músicos de choro para solar, porque aí é uma língua que eles sabem falar muito bem.

**Quais as aproximações e distanciamentos do *Manual* em relação aos seus trabalhos anteriores, principalmente com os Argonautas?**

Eu acho que meu trabalho atual é extremamente próximo do Argonautas, embora hoje eu não esteja musicalmente tão próximo deles. Eu já estou em outra, mas esse trabalho é muito próximo no cuidado com a música, com os arranjos, com a execução... A delicadeza, enfim. Em uma ou outra música eu poderia destacar algum distanciamento, como por exemplo, no fato de ser um álbum instrumental, ao passo que nos Argonautas havia a fala, o canto. Mas no geral é bastante próximo.

**Ayrton, “Bob”, você pinta e desenha quadros maravilhosos. Eu tenho alguns, inclusive. Você vê saudade nos seus traços? Pergunto isso porque você raramente usa a cor, preferindo o preto e branco, o que expressa certa melancolia. Isso pra não falar nos temas. Você vê alguma relação entre a música que você acaba de fazer e seus quadros?**

Não, não vejo exatamente isso. Pelo menos essa saudade que eu quis expressar no *Manual* não tem propriamente algo a ver com meus desenhos, mas aquela saudade enraizada de que falamos há pouco.

**Eu sempre percebi algo de desalento, algo um pouco desesperançado na sua música. Tem isso ou não?**

Não. Acho que desesperançado não.

### **Manual Prático da Saudade é alegre, então?**

Sim, muito alegre. E uma coisa que eu me esqueci de falar quando você perguntou aquilo sobre as partituras, é que embora todo o invólucro, os desenhos, as partituras e o próprio título pareçam muito sugestivos, eu acho que as músicas são alegres – embora seja uma alegria leve, contente, e não esfuziante e invasiva. Aliás, as músicas ali dizem o que têm pra dizer. Nada ali está sustentando as músicas, não. Elas são por si só coerentes, independentemente do material visual que as acompanha.

**Essa relação entre saudade e alegria remete a determinados sentimentos presentes no choro, que é às vezes triste, mas também pode ser alegre. Então, a relação do choro não seria propriamente com a tristeza, mas com a saudade. Haveria, para você, saudades alegres e saudades tristes.**

A saudade é uma linguagem, na verdade. Um tipo de linguagem como o choro também é uma linguagem. E o outro nome pra linguagem do choro é essa saudade como uma coisa incorporada. Foram imigrantes que criaram um povo dentro dessa saudade, e isso aparece na música como uma cicatriz, um estigma, que pode ser alegre ou triste.

**Será que toda saudade alegre necessariamente tem que ser formal? Por exemplo, você disse que o que confere unidade ao seu trabalho é a forma. Vamos tomar como exemplo o samba. O conteúdo da grande maioria dos sambas, as letras sobretudo, são tristes, embora formal ou musicalmente expressem alegria. De um ponto de vista mais superficial, pra tomarmos outro exemplo, quem tem saudade tem vontade de voltar pra casa. Em geral, quando temos saudade, escutamos as músicas “de casa”, comemos as comidas “de casa”, bebemos as bebidas de casa e, ao final, choramos... Será que o conteúdo da saudade não é essencialmente a tristeza, ao passo que uma das maneiras mais**

**interessantes de fazer com essa saudade seja alegre, seja através da sua forma?**

O conteúdo visual do álbum eu não consideraria alegre. Mas quando eu falo em “forma”, é no sentido do traçado na melodia. E isso tem um peso maior porque se trata de um álbum instrumental. Seria aquela forma que o choro tem, embora eu não a tenha obedecido estritamente em várias das músicas. Não sei se eu a tratei devidamente, mas que eu quis dizer com forma, nesse sentido, é que o desenho da melodia é sim, alegre. Se colocássemos uma letra aí, talvez não soasse alegre.

**E o resultado do trabalho, você gostou? Os músicos gostaram?**

Achei muito bom. Os músicos também, acho que gostaram.

**Você teve algum apoio institucional, para o álbum e para as apresentações?**

O projeto para o álbum foi premiado pelo Edital de Incentivo às Artes de 2010 da Secretaria de Cultura de Fortaleza - SECULTFOR. Para as apresentações não houve apoio, exceto do próprio Teatro.

**Ayrton, você sempre participou efetivamente dos Encontros Nietzsche-Schopenhauer, evento hoje nacionalmente conhecido. Apresentou uma conferência no I Encontro (“Schopenhauer e a música”), e nas duas últimas edições (2010 e 2011) abriu o evento com belas apresentações musicais. Como você, hoje em dia, sente essa aproximação?**

Eu adorei ter participado. Na primeira apresentação musical, em 2010, embora tendo a participação da cantora Andrea Piol em uma das músicas, nas demais eu tava lá sozinho, tocando piano, apresentando umas composições próprias. Senti que era uma coisa que eu queria fazer a partir de então, sabe... Gostei demais, o formato

me agradou bastante. Eu tenho problemas de tocar em público, sabe... (risos), mas daquela apresentação eu gostei. Também por causa da plateia, pouco numerosa, mas atenta e interessada, com vários amigos e pessoas conhecidas. Digo o mesmo com relação à do ano passado (2011, para o III Encontro), que eu fiz acompanhado de um grande violonista, Flávio Soares, com composições que vieram a fazer parte do *Manual*.

**Você prefere plateias pouco (mas não tanto!) numerosas e o *Manual* é um álbum instrumental, o que, via de regra, dificulta uma grande aceitação do público. A sua música, nesse sentido, é para poucos?**

Eu acho que esse álbum, apesar de instrumental, é bem “tragável”. Eu já vi, já percebi uma resposta assim. Todo mundo gosta, felizmente (risos)! Acho que ele não é um disco instrumental “pesado”, sabe? Por ser bem acessível ele consegue expressar muito, mesmo pra quem não curte música instrumental.

**Eu não estou falando propriamente do disco, mas da forma como o disco foi divulgado, ou seja, não creio que seja sua intenção reservar um grande espaço e lançar grandes matérias na mídia pra que o trabalho seja divulgado ao excesso, para que você lote um ginásio, pra que a música seja tocada em rádios, etc. Não caberia, na sua proposta, esse formato...**

Não, eu acho que nem caberia e eu também não conseguiria. Eu tenho certas limitações (risos)... E acho que o público em geral, restrito às veiculações da grande mídia, não se interessaria. Por isso eu acho que foi bem sucedida essa proposta de lançamento, com várias apresentações em um lugar menor (o *foyer* do Teatro) estendendo-se durante o mês de março. Acho que foi mais fácil. Eu não conseguiria, caso tivesse feito o lançamento lá no palco principal, como eu havia pensado inicialmente. Eu não teria conseguido, por exemplo, esse público que já foi a essas quatro apresentações. Teria me esgotado bastante,

ensaiado muito, para fazer um show grande e, no dia, comparecerem vinte ou trinta pessoas.

**Como um exercício meramente absurdo de projeção, se você pensar em algum tipo de literatura ou autor, de filme ou diretor, de teatro ou dramaturgo, em qual você acha que você caberia a sua música? Eu tenho um amigo que, desde a primeira vez que ouviu você tocar com os Argonautas – e ele o assistiu por três ou quatro vezes –, desde então ele disse: “Olha, esse cara tem que estar num filme do Almodóvar, ele é ‘almodoviano’!” (risos)... Você concordaria com ele? Você vê também, por exemplo, na literatura, alguma obra em que você ache que se encaixaria algum projeto seu, seja na música, na pintura ou na filosofia?**

Na verdade eu realmente nunca prestei atenção... Eu já compus trilhas para algumas peças e queria muito fazer uma trilha de filme, tenho muita vontade... Mas eu sinto, sei e gosto de saber, que as coisas que eu faço são imagéticas... Eu não saberia dizer que autor seria, mas eu gosto muito do Almodóvar... Então, acho que procede (risos)...

“Ayrton Pessoa – Bob, para os amigos – é músico, artista plástico (desenho) e filósofo. Graduado em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), foi membro do grupo de estudos Apoena e participou da organização dos Encontros Nietzsche-Schopenhauer onde, desde 2010, abre o evento com uma apresentação musical. Na música, estudou piano com Duda Di Cavalcante, composição com Liduíno Pitombeira e, atualmente, com Alfredo Barros. Além da carreira solo, faz parte do grupo Argonautas e compõe trilhas sonoras para teatro. Já trabalhou com vários artistas locais como arranjador, pianista, violonista e acordeonista”

Para adquirir o CD: (85)9925.6196 / (85)8766.2490.

Kerla Alencar ([kerla.alencar@gmail.com](mailto:kerla.alencar@gmail.com))

Valor: R\$ 20,00.